

resenha



Conhecer é mensurar ou conhecer é compreender?*

Maria Cristina Petroucic Rosenthal**

A partir de uma tomada de distância epistemológica e historiográfica, Silva (2011) contrapõe dois representantes de movimentos na psicologia – Sir Francis Galton e Alfred Binet – analisando suas histórias pessoais, o momento cultural e social no qual se inseriam e de que forma esta constelação de fatores se associa ao modo como percebem o ser humano e desenvolvem o campo da investigação psicológica.

Lançando um novo olhar para velhos problemas, a argumentação de Silva é particularmente original no que tange às bases em que se apoiou nessa revisão histórica.

A perspectiva delineada por Pierre Bourdieu, a partir da qual um campo científico é essencialmente um campo social, pautar substancialmente o caminho que percorre ao longo de seu trabalho.

Galton e Binet são os principais agentes responsáveis pela criação e desenvolvimento do campo do exame psicológico – e é baseada no papel destes atores no cenário científico que Silva vai contrapondo aspectos teóricos, ideológicos e políticos subjacentes às suas contribuições.

Conhecer é medir? Eis uma questão proposta pela autora do livro. De que forma Galton, em seu livro *Hereditary Genius* – recheado como uma profusão de números, quadros e tabelas – dá os primeiros passos na proposição de um instrumento que por si seria capaz de medir a inteligência humana? Como as experiências em seu Laboratório de Antropometria se associam à valorização da eugenia e à polarização *nature-nurture* (hereditariedade x ambiente), no estudo sobre a inteligência?

Ambientando-se inicialmente na Inglaterra vitoriana do século XVII e XIX, Silva vai desenhando uma linha do tempo a qual mostra a influência dos pressupostos de Galton na psicologia inglesa e suas repercussões no continente americano, no qual Robert Yerkes, dentre outros, alavancou a idéia de testagem em massa durante a Segunda Grande Guerra.

Conhecer é compreender? Sob esse título, a autora vai fazendo um contraponto da história pessoal e social de Galton com a de um francês, que, na década

* Resenha do livro *História dos testes psicológicos: origens e transformações*. Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva. Vetor, São Paulo, 2011.

** Mestre e doutora em Psicologia Clínica. Professora assistente-mestre da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

de 1880, buscou aprofundar sua formação na psicofisiologia, na psiquiatria – em seu contato com Charcot, na Salpêtrière – e que acabou ocupando um lugar no saber científico relacionado a seu trabalho na área da educação, do desenvolvimento infantil, e dos testes psicológicos.

Trata-se de Alfred Binet, o qual, ao invés de focalizar os processos mentais comuns a todos os indivíduos, volta-se para a denominada Psicologia Individual e para o estudo de funções mentais complexas, como memória e atenção, buscando as variações destes processos de indivíduo para indivíduo.

A democratização do ensino por meio da implantação de um currículo obrigatório para todas as crianças caracteriza o ambiente sócio-político e cultural da França de Binet.

A perspectiva clínica norteia os trabalhos desse psicólogo, que, em associação com Victor Henri, cria um instrumento voltado para o diagnóstico e encaminhamento de crianças com problemas escolares. A inteligência não é aqui vista como inata, mas multifacetada e dinâmica, passível de transformações.

No entanto, a história não termina aqui. Silva ainda mostra que mudanças significativas ocorrem quando a escala Binet-Simon chega aos Estados Unidos.

Preocupações sociais com a eugenia, competitividade e a questão da imigração interferem diretamente nos processos de adaptação desse instrumento a este país, bem como na própria concepção de inteligência veiculada originalmente por Binet.

É nesse contexto, em que a escala de Binet passa a chamar-se “Terman- Merrill”, que é criada a famosa fórmula matemática do QI. Idade mental e cronológica são transformadas em uma razão, cuja resolução ou resultado – um quociente – recebe a denominação de “Quociente Intelectual” (QI). Daí por diante, um número passa a traduzir toda a informação relativa ao funcionamento intelectual de uma pessoa.

Procedimentos estatísticos como o cálculo da média e desvio padrão de amostras normativas permitem que se use o “QI” de afastamento para aferir a inteligência de adultos, para os quais a fórmula da razão entre idade cronológica e mental não se aplica mais.

Desse momento em diante, redução, reificação e simplificação subjacentes ao tratamento estatístico são processos que vão predominar na criação e validação dos testes de inteligência como também se expandir em direção a outros métodos de investigação psicológica.

A questão que se coloca nesse momento é: e os denominados métodos projetivos? Como se inserem nessa perspectiva historiográfica? Como ficam os processos de validação de tais provas?

Sua relação direta com a psicologia clínica e o tipo de demanda implícita nesse tipo de tarefa, levando à necessidade de uma análise qualitativa do processo de resposta são tópicos que permeiam essa discussão.

A proposta de Silva vai se desvelando à medida que a autora analisa os vetores desse campo da investigação psicológica cuja construção se inicia no continente europeu, em particular na Alemanha, Áustria e parte da Suíça – países em que a filosofia e psicologia são estreitamente relacionadas.

Filósofos como o alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) defendem a importância de se analisar as conexões entre a realidade histórico-social e os indivíduos, identificando suas necessidades, valores e singularidades.

Nesse contexto é que Herman Rorschach cria um método diagnóstico no qual os estímulos à resposta são manchas de tinta. Pela análise do processo como cada pessoa constrói sua resposta à instrução (“com que se parece?”) levantam-se hipóteses sobre seu modo de percepção e de organização da personalidade.

Silva menciona o fato de que a interpretação da prova de Rorschach apóia-se em elementos estatísticos e normativos, dispondo atualmente até de um software para auxiliar no processamento dos dados.

Todavia, alerta para o fato de que estes implementos absolutamente não substituem um processo de investigação compreensivo, no qual se pareiam os dados obtidos no Rorschach – ou em qualquer outra prova psicológica – com a história social e desenvolvimental do indivíduo, além de outras fontes de informação relevantes para cada caso em particular.

A dinâmica da personalidade humana não pode ser expressa por quantidades, medidas ou números – tampouco a inteligência, como vai demonstrando a autora ao longo de sua discussão. Além disso, Silva pontua que a observação da relação entre o psicólogo e seu cliente tem lugar privilegiado nesta proposta.

Pode-se dizer que o leitor desta obra se verá engajado em um exercício constante de crítica e reflexão, discernindo e obrigando-se a rever paradigmas vigentes no campo da investigação psicológica.

Provavelmente ficará com a mensagem de que “*saber é compreender*”.